2ª Edição
Science & Business Connection
by colmeia
PARQUE DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

COMPORTAMENTO TÉRMICO DAS MÃOS DE INDIVÍDUOS COM DOENÇA CARDIOVASCULAR EM HEMODIÁLISE

Monica Karla Vojta Miranda[1]; Irinéia de Oliveira Bacelar Simplício[2]; Leandro de Lima Azevedo[3]; Jociléia da Silva Bezerra[4]; Mariane Santos Ferreira[5]; Leandro Procópio Alves[6]

[1] Universidade Anhembi Morumbi, São José dos Campos-SP, Brasil. monicavojta@hotmail.com
[2]Universidade Anhembi Morumbi, São José dos Campos-SP, Brasil. irineia.simplicio@uepa.br
[3]Universidade Anhembi Morumbi, São José dos Campos-SP, Brasil. leandrolazevedo@gmail.com
[4]Universidade Anhembi Morumbi, São José dos Campos-SP, Brasil. jocileiabezerra02@gmail.com
[5]Universidade Anhembi Morumbi, São José dos Campos-SP, Brasil. mariane.lopess@hotmail.com
[6]Universidade Anhembi Morumbi, São José dos Campos-SP, Brasil. leandro.alves@rocketmail.com

Resumo: A Doença Renal Crônica (DRC) é um problema global de saúde em todo mundo, com maior risco de desenvolver complicações cardiovasculares desde os primeiros estágios da doença. A disfunção das pequenas artérias, comumente observada na DRC, contribui para o envelhecimento vascular precoce devido a condição urêmica e a redução do óxido nítrico circulante. As complicações relacionadas ao acesso vascular de pacientes submetidos à Hemodiálise (HD), representam uma parcela significativa das hospitalizações. Entre essas complicações, a disfunção da Fístula Arteriovenosa (FAV) é a mais frequente. O nosso estudo teve como objetivo identificar a variação térmica das mãos de pacientes com DRC associada a Doença Cardiovascular (DCV) em HD por FAV. de um hospital público no interior da Amazônia. Foi utilizado uma câmera termográfica por infravermelho C5, FLIR Systems®, com sensibilidade térmica inferior a 100 mK, configurada para Ɛ=0,98, Tamb=Trefl=24°C, umidade relativa = 55%, fixada sob uma cabine revestida de etilvinilacetato (EVA), à 50 cm das mãos dos participantes. A composição do termograma privilegiou o enquadramento de ambas as mãos para comparação contralateral. O registro dos termogramas foi realizado após aclimatação de 15 minutos. A amostra foi composta por sete pacientes em HD por FAV atendidos no serviço de nefrologia no período do estudo, que tinham como comorbidades DRC associada a DCV de todos os gêneros maiores de 18 anos. Os dados obtidos foram organizados em planilha do Microsoft Excel® 2016 e analisados por meio do programa FLIR Tools. As amostras foram comparadas estatisticamente para avaliar as diferenças entre as médias da variação térmica das mãos. Os resultados mostraram uma predominância do gênero masculino (71,4%), média de idade de 49,8±15,8 anos, casados (57,1%), e a maioria era de analfabetos (57,1%), seguidos do ensino fundamental (28,6%). Com relação ao tempo de HD a média encontrada foi de 84,4±27,7 meses, 57,1% estavam na segunda FAV, 28,6% na quarta e 14,3% na sexta FAV e todas estavam no membro superior esquerdo (MSE). Os termogramas das mãos c/FAV e s/FAV mostraram uma variação média na temperatura das mãos de Δt = 1,71±0,4°C. O artelho que apresentou maior variação térmica foi o polegar com Δt = 2,04±1,34°C seguido do indicador com 1,77±1,15°C apontando níveis bem acima dos considerados aceitáveis (≤ 0,6°C). Os nossos achados ressaltam a importância da termografia como ferramenta promissora para monitorar alterações térmicas das mãos de pacientes com DRC associada DCV em HD com FAV.

Palavras-chave: Doença cardiovascular; Termografia; Fístula arteriovenosa; Hemodiálise.